



Apesar de todos os obstáculos à livre iniciativa, o Brasil é hoje palco de um dos mais impressionantes fenômenos de emergência de empresas em todo o mundo

MARIANA SEGALA E ANDRÉ FAUST — FOTOS DE GERMANO LÜDERS

UM PAÍS DE EMPREENDEDORES

A

OS 23 ANOS DE IDADE, O GAÚCHO NEI BRASIL, FORMADO em ciências aeronáuticas, viu-se diante de uma das decisões mais importantes de sua vida. O ano era 2005 e Nei, morando em São José dos Campos, no interior de São Paulo, havia terminado um mestrado no Instituto Tecnológico de Aeronáutica. De um lado, ele tinha uma oportunidade de emprego na Embraer, uma das maiores fabricantes de aviões do mundo — o “sonho de consumo” de milhares de jovens brasileiros e caminho natural para quem se forma no prestigiado ITA. De outro, a vontade antiga de abrir o próprio negócio. Como fez em outros momentos críticos, Nei telefonou para o pai, morador de Bagé, a poucos quilômetros da fronteira com o Uruguai. Treze anos antes, Rodrigo Brasil, então diretor de uma cooperativa local de carnes às voltas com uma crise terminal, viu-se obrigado a entrar no mundo dos negócios. “Se não empreendesse, não comia”, lembra ele. Empreender no Brasil, a experiência havia lhe ensinado, era um processo exaustivo e arriscado. Diante da pergunta de Nei, Rodrigo deu seu veredito: “A Embraer é uma bela empresa, meu filho”.

Nei entendia o pai. Lembrava que o poder aquisitivo da família caíra bastante nos primeiros anos da década de 90, quando Rodrigo tentava colocar de pé uma trading de couro. De uma hora para outra, as férias de verão nas praias de Santa Catarina foram substituídas por viagens a balneários localizados a poucos quilômetros de Bagé. Nas outras vezes em que tinha pedido um conselho ao pai — na escolha do vestibular e, mais tarde, na opção de fazer o mestrado —, Nei havia seguido a opinião paterna. Naquele momento, no entanto, decidiu quebrar a regra. “Fui movido pela vontade de fazer algo completamente novo”, diz Nei. Hoje, a Flight Technologies, apesar de novata, já é referência no país em desenvolvi-

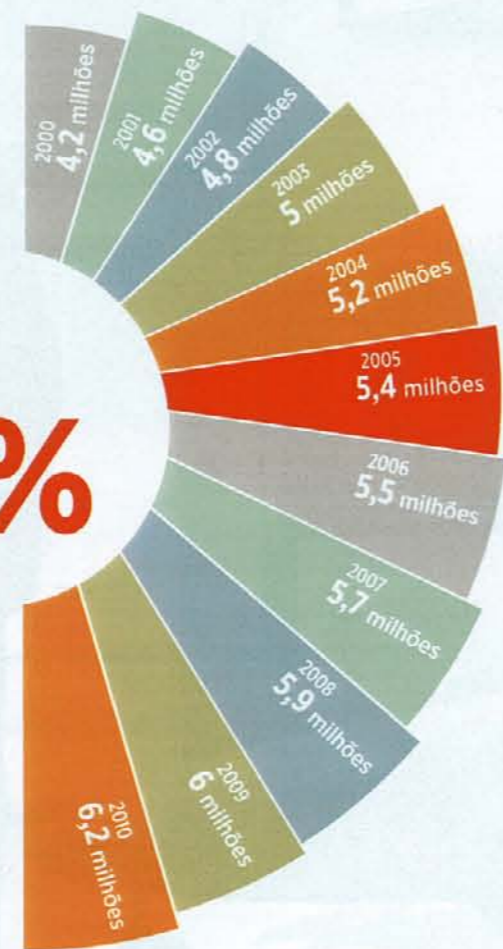
A DÉCADA DA LIVRE INICIATIVA

Nos últimos dez anos, abrir uma empresa se tornou uma realidade para

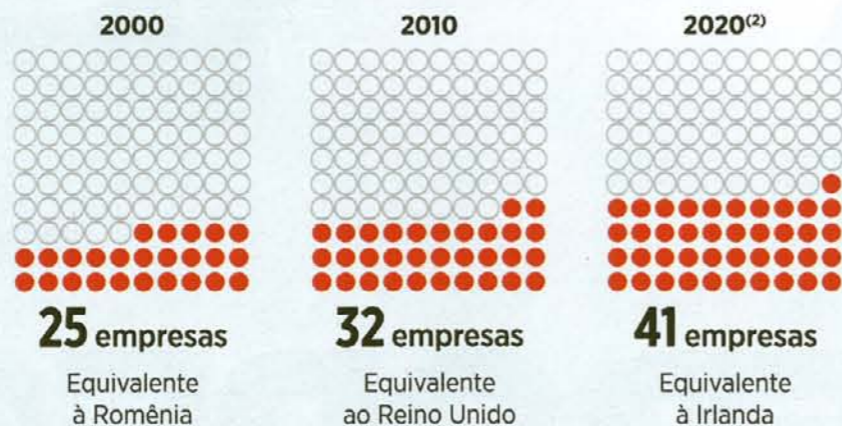
Entre 2000 e 2010, o total de empresas existentes no Brasil aumentou 2 milhões, o equivalente ao total de companhias da Austrália⁽¹⁾

CRESCIMENTO DE

47%



Mantido esse ritmo, o Brasil terá 41 empresas para cada grupo de 1 000 habitantes em 2020



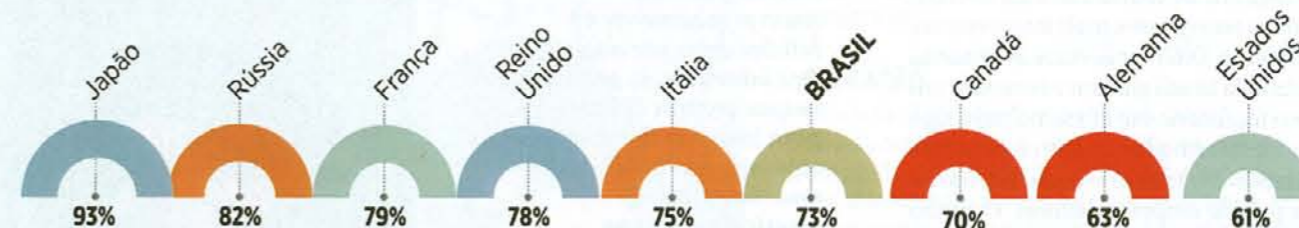
(1) Estabelecimentos declarantes da Rais, excluindo os setores de agropecuária, administração e serviços públicos e educação e saúde, em que a maioria dos estabelecimentos é pública (2) Projeção Sebrae-SP (3) Dados de 2009. Considera apenas as sociedades limitadas, exceto para os Estados Unidos. Os números sobre a China não estão disponíveis (4) Somente empresas com empregados

milhões de brasileiros — o que colocou o país entre as nações com maior índice de empreendedorismo do mundo

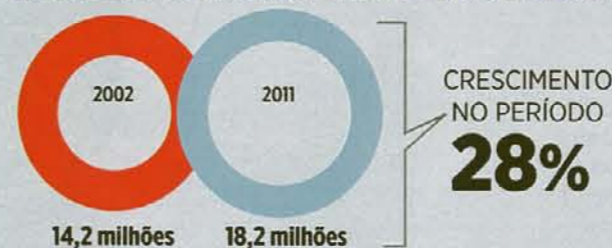
O Brasil é um dos países que mais abrem empresas por ano...⁽³⁾



...e o percentual delas que conseguem completar dois anos passou de 50% no início da década para mais de 70% hoje



No Brasil, a quantidade de empreendedores iniciantes, aqueles à frente de empresas com até 3 anos e meio de existência, cresceu 28% desde 2002⁽⁶⁾



Entre as maiores economias do mundo, o Brasil é um dos países com maior percentual de empreendedores iniciantes⁽⁶⁾



No passado, a maior parte dos empreendedores iniciantes do país era formada por gente que abria um negócio porque não tinha outra opção. Hoje, a maioria é composta de pessoas que veem uma oportunidade e decidem empreender (participação dos empreendedores por oportunidade no total)⁽⁶⁾



A escolaridade dos empreendedores iniciantes também aumentou⁽⁶⁾



65% dos universitários brasileiros dizem querer abrir o próprio negócio no futuro⁽⁷⁾

(5) Dados de 2008 (6) Os números incluem negócios formais e informais. Cálculo feito com base na população estimada pelo IBGE com idade entre 18 e 64 anos (7) Pesquisa com 12 universidades divulgada pela ONG Endeavor em 2011 Fontes: Banco Mundial, Global Entrepreneurship Monitor, Sebrae Nacional, Sebrae São Paulo, Endeavor, IBGE, Escritório de Estatística da Austrália (ABS), Eurostat, Ministério da Indústria do Canadá, Departamento de Pequenas Empresas dos Estados Unidos, Kauffman Foundation, Instituto de Pesquisa de Pequenas Empresas do Japão (JSBRI) e Russian Economic Report n° 15

mento de veículos aéreos não tripulados. Os pequenos aviões fazem reconhecimento em operações militares e, mais recentemente, estão sendo usados para monitorar florestas plantadas. Em 2012, o empreendimento de Nei deve faturar 6 milhões de reais.

Pai e filho iniciaram a vida empreendedora em contextos muito distintos. No ano em que Rodrigo decidiu fundar sua empresa, em 1992, a inflação ultrapassou 1100% e os juros reais oscilaram em torno dos 70%. Quando a Flight Technologies foi criada, a economia estava estabilizada havia dez anos. O país começava a ser visto como uma das economias emergentes mais interessantes do mundo. Diferenças entre as histórias da família Brasil ajudam a entender um novo fenômeno em curso no país, algo tão transformador quanto a já mítica ascensão da classe C — o nascimento de um país de empreendedores. O sonho do brasileiro jovem já foi conseguir um emprego público. Hoje, um número cada vez maior deles quer ter o próprio negócio. E isso muda tudo.

A ERA DA MULTIPLICAÇÃO

Entre 2000 e 2010, o número de empresas no Brasil cresceu 47%, alcançando 6,2 milhões de negócios. Segundo a mais recente avaliação do Banco Mundial, o Brasil cria 316 000 novos negócios por ano, ficando em terceiro lugar como o país mais empreendedor, atrás apenas de Estados Unidos e Reino Unido (a China não entra na conta do banco por falta de dados confiáveis). A taxa de sobrevivência, que considera as empresas que ultrapassam dois anos de existência, cresceu de 50% no começo da década para 73% hoje. O Brasil claramente saiu da era do empreendedorismo de exceção e está inaugurando uma nova fase — a do empreendedorismo de massa, com um número crescente de empresas atuando dentro dos limites da legalidade. “O país está ficando mais capitalista”, diz Armínio Fraga, ex-presidente do Banco Central e sócio da gestora Gávea Investimentos. Até a virada do século, a maioria dos novos empresários criava empresas por absoluta falta de opção. Hoje quase 70% abrem

O novo empreendedor brasileiro

O EXEMPLO DA BUG

Os três empresários na foto ao lado optaram por uma profissão aparentemente insólita: eles cultivam vespas. Da empresa que fundaram há dez anos — a Bug Agentes Biológicos, de Piracicaba, no interior paulista — saem precisamente 40 bilhões delas por ano. Dos laboratórios, as vespas seguem direto para lavouras de cana, soja, milho e hortaliças, onde substituem inseticidas comuns. Parece algo prosaico, mas é justamente o contrário disso. No começo de março, a revista americana Fast Company deu à Bug o título de empresa mais inovadora do Brasil — no ranking mundial, ficou em 33º lugar. “Era uma técnica nova, mas sabíamos que ela tinha potencial para ser aplicada em escala comercial”, diz Diogo Carvalho, um dos fundadores. E tinha mesmo. A Bug aplica as vespas em cerca de 400 000 hectares de lavouras por ano, com faturamento estimado em 8,5 milhões de reais em 2011. O recente avanço da cultura da cana-de-açúcar, carro-chefe da empresa, ajudou a impulsionar os negócios — a área plantada em todo o país quase dobrou desde 2000.



A trajetória dos três sócios da Bug mostra quais são as principais tendências que moldam o novo empreendedor do país

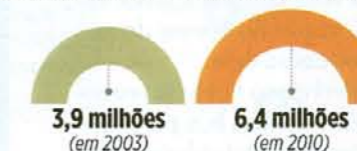
DEMOGRAFIA

Os sócios da Bug, retratados ao lado, tinham menos de 35 anos ao abrir a empresa. Até 2034, o país contará com o empurrão do bônus demográfico, quando a parcela da população em idade produtiva atingirá o pico



EDUCAÇÃO

Heraldo Negri de Oliveira (à esq.) fez MBA, Diogo Carvalho (ao centro) cursou mestrado e Marcelo Poletti tem pós-doutorado. Segundo a OCDE, o Brasil foi o país com a terceira maior evolução em educação na década. No ensino superior, as matrículas cresceram 64% (veja abaixo)



EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Carvalho passou pela Gravena, especializada em manejo de pragas. Oliveira trabalhou por 17 anos no laboratório de produção de insetos da Esalq-USP. As experiências profissionais e acadêmicas foram cruciais para a Bug

OPORTUNIDADE

Especialistas no uso de insetos para o controle de pragas, os sócios acreditavam que o segmento tinha potencial com o avanço da produção agrícola. Como eles, mais brasileiros abrem empresas por achar oportunidades

ACESSO A CAPITAL INICIAL

O acesso das empresas a recursos aumentou. A oferta de crédito para as pequenas multiplicou-se por 5 desde 2004. No caso da Bug, o impulso inicial veio da Fapesp. Ao todo, a Bug recebeu 1,3 milhão de reais

DINHEIRO PARA CRESCER

A Bug atraiu um investimento de 1,2 milhão de reais do fundo Criatec, do BNDES, e outro equivalente da Trigger Participações. No Brasil, os investimentos de private equity e de capital de risco saíram de 261 milhões de dólares para 4,6 bilhões de dólares entre 2002 e 2010

o negócio por enxergar alguma oportunidade. “Criar empresas apenas por necessidade nunca foi um bom sinal para um país”, diz Eric S. Maskin, ganhador do prêmio Nobel de Economia em 2007. “Já a prevalência de empresas criadas por oportunidade tem um potencial altamente transformador.”

O que explica essa mudança? Seria ingênuo supor que um país com longa tradição em impor obstáculos ao desenvolvimento do setor privado houvesse se transformado, da noite para o dia, em um lugar dos sonhos para o empreendedorismo. Longe disso. Os avanços observados no Brasil ocorrem a despeito de um quadro burocrático e fiscal muito pouco favorável à prática empreendedora. Ocupamos, não custa lembrar, a vexatória 126ª posição no ranking do Banco Mundial, que classifica o ambiente de negócios em 183 países. A força empreendedora, graças a uma feliz combinação de fatores, vem se impondo apesar do governo, não por causa dele.

Mas é inegável que o novo empreendedor brasileiro catalisa boa parte das transformações modernizadoras pelas quais o país vem passando. Talvez a mais poderosa delas seja o aumento da escolaridade — ainda que soframos com a baixa qualidade da educação, o aumento da quantidade de anos de estudo ajuda a fortalecer o novo empresário. A proporção desses empreendedores com mais de 11 anos de estudo dobrou em oito anos, alcançando 25%. O curso de administração já é aquele que forma mais profissionais no país — 155 000 graduados por ano, ante 87 000 em direito, o segundo colocado. O avanço na escolaridade se soma a outra mudança social de fundo, a demográfica. No caso brasileiro, a nova leva de empreendedores conta cada vez mais com gente jovem. Segundo um levantamento do Global Entrepreneurship Monitor, a mais completa pesquisa feita anualmente sobre empreendedorismo no mundo, o número de empreendedores entre 18 e 24 anos é o que mais tem aumentado no país. Essa é uma das consequências do fenômeno conhecido como bônus demográfico. Com dois



O fator educação

AGORA O DOUTOR WATARI CUIDA DA SUA EMPRESA

Em 2002, quando decidiu empreender, o médico Tohoru Watari não tinha motivos para reclamar da vida. Era presidente no Brasil da JMS, multinacional japonesa fabricante de equipamentos hospitalares. Tinha carro e casa pagos pela empresa, além de salário de 33 000 reais. Com uma sólida base acadêmica — ele é doutor em medicina pela Universidade de Tóquio —, Watari decidiu explorar o potencial das clínicas de hemodiálise. “Eu tinha muita familiaridade com os dados de saúde pública e sabia que o negócio era promissor”, diz.

Chegou a propor a ideia aos japoneses e, depois de ouvir um “não”, largou o emprego para montar uma clínica em Santa Bárbara d’Oeste, no interior paulista. Batizada de Nefrocare, a empresa tem hoje dez centros e deve faturar 50 milhões de reais neste ano. Watari é um exemplo do novo empreendedor. “Quanto maior a educação que ele tem, maior sua chance de sucesso”, diz Mariarosa Lunati, diretora de empreendedorismo da OCDE. Hoje, 25% dos empreendedores iniciantes têm mais de 11 anos de estudo. Em 2002, eram apenas 12%.

O MOTOR DOS NEGÓCIOS

O professor Daniel Isenberg, do Babson College, representou de forma clara o “ecossistema” necessário para o avanço do empreendedorismo. São seis dimensões principais, cada uma com subitens. Segundo especialistas ouvidos por EXAME, o Brasil melhorou, mas ainda há muito o que fazer

ONDE ESTAMOS MAL

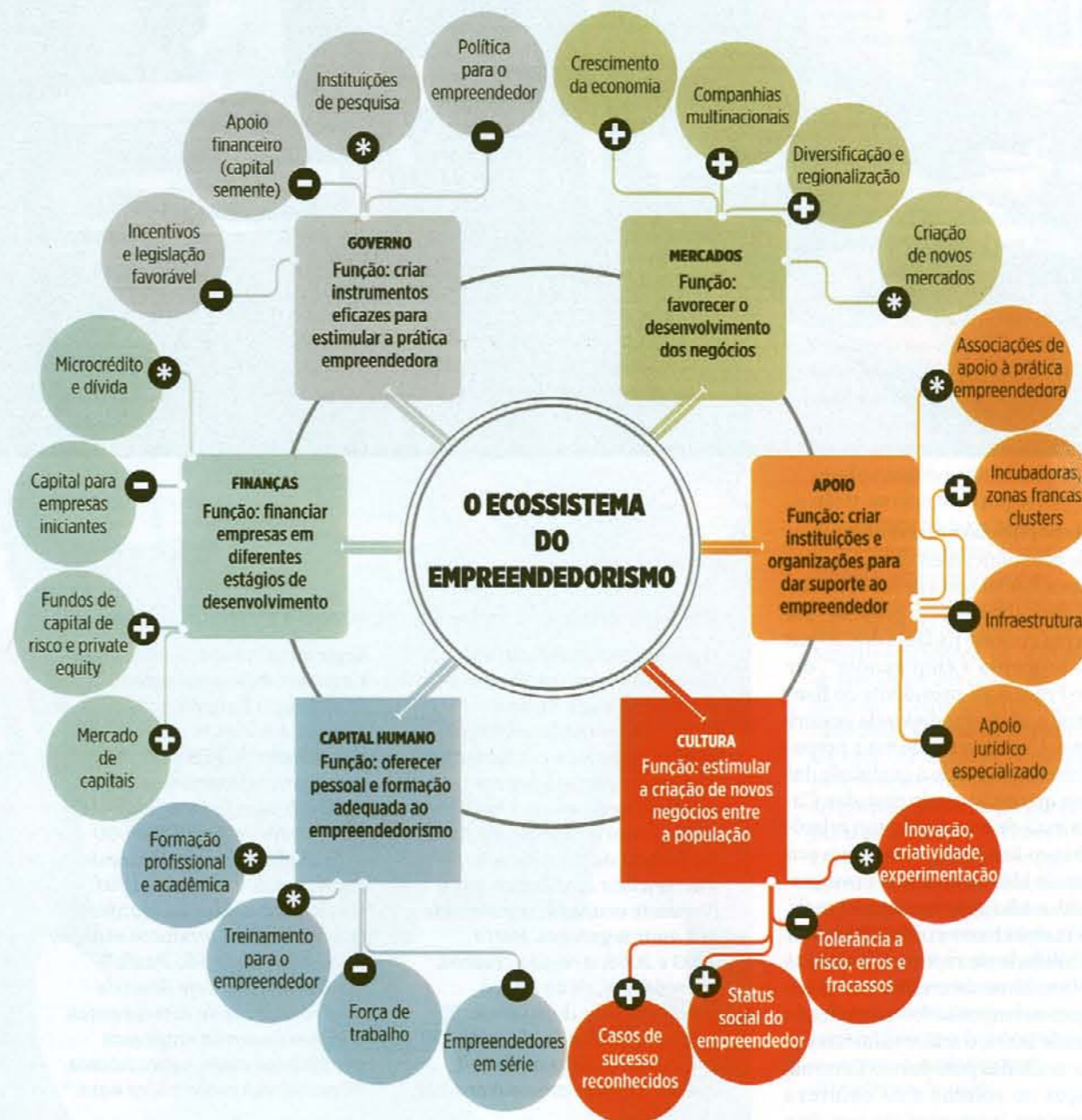
O calcanhar de aquiles do empreendedorismo no Brasil são os fatores que dependem de decisões governamentais

ONDE AVANÇAMOS, MAS PRECISAMOS MELHORAR

Apesar dos progressos no setor de educação, o país ainda tem sérias deficiências na área de capital humano

ONDE DEMOS UM SALTO

Na comparação internacional, o Brasil se destaca pelo ritmo de crescimento da economia





terços da população na faixa etária considerada economicamente mais produtiva, nunca houve tanta gente com idade para abrir um negócio próprio. “Há uma turma enorme na faixa dos 20 aos 30 anos propensa a empreender”, diz Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central e sócio-fundador da gestora Rio Bravo. Uma juventude mais preparada acaba favorecendo a qualidade das empresas que estão sendo gestadas. Cada ano a mais de estudo, diz um relatório do banco Bradesco, representa um aumento de 13% na renda. O novo empreendedor não apenas estudou mais, é também mais rico e conta com maior disponibilidade de recursos de outras fontes. O volume de crédito nas mãos das pequenas empresas foi multiplicado por 5 desde 2004, o maior salto nas categorias avaliadas pelo Banco Central.

Avanços no volume e na natureza das empresas iniciantes são um tipo

O fator mercado

DE 800 000 A 9 MILHÕES EM NOVE ANOS

O pernambucano Leonardo Lamartine e um sócio são os donos do Grupo Bonaparte, franquia com sede em Recife que conta com 76 restaurantes — a maior parte deles em estados nordestinos. Quando começaram o negócio, no final da década de 90, ninguém previa a arrancada econômica que o Nordeste acabaria registrando nos anos seguintes. Entre 2003 e 2009, a região cresceu, em média, 4,1% ao ano, à frente do Sul e do Sudeste. No começo da década, de cada 100 empresas criadas no Brasil, apenas 13 estavam no Nordeste.

Segundo a consultoria paulista Cognatis, hoje o número é de 17. O Grupo Bonaparte foi um dos que souberam aproveitar a expansão do PIB e também do empreendedorismo. Entre 2002 e 2011, o faturamento da franqueadora foi de 800 000 a 9 milhões de reais. “Quando começamos, era muito difícil ser empreendedor no Nordeste. Quase todos os produtos vinham de caminhão de São Paulo”, diz Lamartine, hoje dono de quatro marcas de restaurantes. “Graças às novas empresas dos últimos anos, agora nossos fornecedores estão todos aqui.”



O fator demografia

EMPREENDEADORISMO
COMO PRIMEIRO
EMPREGO

Antes mesmo de terminar a faculdade, os irmãos Raphael e André Miranda, de Pato Branco, no interior do Paraná, sonhavam em abrir uma empresa. Com a ideia de explorar a demanda do público de baixa renda que não tem conta em banco, eles fundaram, em julho de 2008, a RedeCash — que na época se resumia a uma loja para o pagamento de contas, no mesmo estilo adotado por muitas lotéricas. Com 26 e 29 anos, respectivamente, André e Raphael ilustram um aspecto peculiar da nova safra de empresários do país. Como consequência do fenômeno conhecido como bônus demográfico, nunca houve no Brasil tanta gente na faixa de idade considerada ideal para abrir um negócio próprio. Para gente como o célebre investidor indiano Vinod Khosla, empresários que mudam o mundo costumam ter menos de 35 anos. Como muitos iniciantes, os Miranda se espelham em casos de sucesso. Desde a infância, a mãe deles é dona de franquias da rede O Boticário, fundada pelo bioquímico Miguel Krigsner, figura inspiradora para os irmãos. “Foi com o trabalho de nossa mãe que aprendemos como funcionam as franquias”, diz André. Hoje, a RedeCash opera 65 lojas próprias e 65 franqueadas. Além de pagamento de contas, oferece contratação de seguros e empréstimos. Neste ano, a empresa deve faturar 30 milhões de reais.

de fenômeno capaz de mudar a cara de um país. É nas pequenas empresas, rápidas e rebeldes, que costumam surgir grandes inovações. São também esses negócios iniciantes que colocam fermento na necessária competição, conferindo dinamismo aos mercados. Esse ambiente borbulhante de novos negócios é, ao mesmo tempo, um desafio e uma oportunidade para as grandes empresas. Na Fiat, a participação de pequenos fornecedores praticamente dobrou na última década. “Não estávamos buscando esse aumento. Foi um movimento natural”, diz Antonio Damião, diretor adjunto de desenvolvimento de fornecedores da Fiat. Preocupada em fortalecer sua cadeia de suprimentos, a Vale criou em 2008 um programa para aumentar o número de fornecedores. Desde então, já foram concedidos 650 milhões de reais para financiar cerca de 400 empresas, principalmente pequenas e médias. “Queremos aumentar o leque para não depender de poucas companhias”, diz Ricardo Porto, diretor de suprimentos da mineradora.

UM NOVO VALE DO SILÍCIO?

Desenvolver um ecossistema empreendedor é hoje o sonho de muitos governos. Em todo o mundo, a grande referência é o Vale do Silício, nos Estados Unidos, berço de algumas das companhias mais inovadoras. Está tudo lá: universidades, dinheiro para investimento, empreendedores com boas ideias e mercado consumidor forte. Estima-se que existam em todo o mundo 79 “Siliconias”, termo que dá nome às tentativas de copiar o prodígio californiano. Até hoje, nenhuma delas chegou lá. Daniel Isenberg, professor da renomada escola de negócios americana Babson College, é um dos maiores estudiosos de ecossistemas de empreendedorismo. Ao longo de sua carreira, Isenberg saiu dos Estados Unidos para estudar o ambiente de negócios de lugares como Israel, Taiwan e Irlanda. Eis um de seus mantras: “Parem de tentar copiar o Vale do Silício”. A dinâmica de um ecossistema envolve interações de elementos como cultura, aces-

so a capital, mercados. Isoladamente, muitos deles até podem estimular a atividade empreendedora por algum tempo. Mas não são suficientes para sustentá-la no longo prazo. O recado de pesquisadores como Isenberg é claro: cada país ou região deve estimular seu ecossistema de acordo com as características locais. Em boa medida, é o que vem ocorrendo no Brasil.

O fortalecimento do emprego, por exemplo, parece ser uma peça-chave no ambiente empreendedor em formação por aqui. A taxa de desemprego caiu de 12,4% em 2003 para 4,7% em dezembro. Essa situação de quase pleno emprego

economista-chefe do Itaú Unibanco e ex-diretor do Banco Central.

A certeza de que haveria para onde voltar foi o impulso que faltava para o paulista Carlos Eduardo Caruso Ferreira, hoje com 39 anos, começar a empreender. Em 2002, ele trabalhava como consultor da AT Kearney, ganhava um salário equivalente a 32.000 reais, mas decidiu largar tudo para fazer um mestrado promovido pela Fifa. Era o passo primordial para que, dois anos depois, Ferreira abrisse uma consultoria esportiva com um ex-colega da AT Kearney. “Sabia que, se nada desse certo, não ficaria muito tempo

O fator diversidade

VANESSA E LUCIANA NÃO SÃO MAIS UMA MINORIA

As paulistas Vanessa Vasquez, de 39 anos, e Luciana Guimarães, de 36, são amigas de infância. Fizeram tudo juntas: estudaram na mesma universidade e trabalharam vários anos na mesma distribuidora de medicamentos em São Paulo. Por isso ninguém estranhou quando anunciaram que iriam criar uma empresa juntas. Nascida em 2005, a Íntegra Medical presta assistência a partir de um call center a pessoas que tomam medicamentos de

uso contínuo. Contratada por laboratórios, a Íntegra faturou 10 milhões de reais em 2011. Assim como Vanessa e Luciana, metade das pessoas à frente de negócios novos no Brasil hoje são mulheres — em 2002, eram 42%. “A igualdade de oportunidades é um dos fatores que medem o grau de desenvolvimento de um mercado”, diz Donna Kelley, professora da escola de negócios americana Babson e líder da pesquisa Global Monitor Entrepreneurship.

funciona como uma poderosa rede de proteção. Para os novos empresários, se tudo der errado, não será difícil arrumar uma vaga mais adiante. Em certa medida, isso desmente o senso comum — que associa o empreendedorismo a um apetite desmedido pelo risco. Afora um pequeno grupo realmente destemido, a massa de empreendedores é formada por gente como cada um de nós. Formal ou informalmente, sempre fazemos avaliações de risco e oportunidade antes de nos lançar numa nova empreitada. “A boa nova é que, na avaliação de milhões de brasileiros, o risco de empreender diminuiu”, diz Ilan Goldfajn,

desempregado, e isso me deu segurança para começar a caminhada”, diz. Hoje a Golden Goal presta consultoria de marketing esportivo, administra camarotes de estádios de futebol e fatura 12 milhões de reais.

Um dos efeitos colaterais do aquecimento do mercado de trabalho é a troca maior de emprego por parte dos trabalhadores. O índice que mede a rotatividade aumentou mais de 8 pontos percentuais desde 2001 — e isso é positivo, segundo uma pesquisa da fundação americana Kauffman, referência em estudos sobre empreendedorismo. Firms criadas por pessoas



que tiveram contato com várias culturas empresariais têm mais chance de dar certo. É também uma questão de conhecimento. As empresas privadas dobraram o investimento em treinamento desde 2000 — e isso beneficia quem quer sair para empreender.

UMA QUESTÃO DE IMAGEM

O carioca José Olympio Pereira, copresidente do banco de investimento Credit Suisse no Brasil, começou a trabalhar em meados dos anos 80. “Naquela época, quando alguém empreendia e tinha sucesso, as pessoas logo indagavam: qual é a falcatura?”, diz. A expansão econômica das últimas décadas deixou esse ranço preconceituoso para trás. Estima-se que a cada dia surjam no Brasil 19 novos milionários. São mais de 137.000 deles espalhados pelo país. Na última lista de bilionários elaborada pela revista americana *Forbes*, há 36 brasileiros — um aumento de 20% em relação ao ano anterior. “A imagem mudou”, diz Beto Sicupira, sócio da AB InBev, um dos bilionários da lista e fundador do braço brasileiro da Endeavor, ONG internacional de promoção do empreendedorismo. “Os exemplos de sucesso e o testemunho de que dá para chegar lá ajudaram a tirar o preconceito em torno da atividade.”

Nos últimos anos, os brasileiros se acostumaram a ler notícias sobre investimentos milionários de fundos de capital de risco e private equity, que saíram de 261 milhões de dólares em 2002 para 4,6 bilhões em 2010. Ou sobre as 130 empresas que lançaram ações na bolsa de valores desde 2004 — das quais 30% tinham menos de dez anos de existência na época do IPO. E isso alimenta o sonho. Não é de estranhar que 86% dos brasileiros digam considerar o empreendedorismo uma boa opção de carreira. Nesse quesito, na última amostra do Global Entrepreneurship Monitor, com 54 países, o Brasil só ficou atrás da Colômbia. De certa forma, esse fenômeno é global. Em várias partes do mundo, a ideia de tocar uma empresa nunca foi tão atraente. No Vale do Silício, há uma frase que resume bem esse espírito: no passado, para impressionar

uma garota, os jovens fingiam fazer parte de uma banda. Hoje, fingem trabalhar em uma start-up. Não é a toda hora que a história de criação de uma empresa, como a rede social Facebook, vira um filme de Hollywood.

Embora muitos queiram ser o novo Mark Zuckerberg, o Brasil tem gerado empresas bem menos charmosas que as grandes estrelas americanas — e ainda é cedo para saber se um dia teremos por aqui gente capaz de mudar o mundo. Mas, dentro de nossa realidade, já há espaço para algumas estrelas. A elite das novatas é formada pelas “gazelas” — termo usado pela OCDE, o clube dos países ricos, para designar empresas jovens com crescimento superior a 20% nos últimos três anos. Segundo o IBGE, havia no país em 2009, último ano de medição, quase 12 000 “gazelas”. Isso é o equivalente a 3,3% do universo de empresas analisadas. Entre os integrantes da OCDE, a média é inferior a 1%. Fundada em 2003 no Rio de Janeiro, a agência de marketing Biruta Ideias Mirabolantes é uma delas. Ao lado de três sócios, o estudante Alan James, na época com 28 anos, conseguiu um lugar na incubadora conhecida como Shell Iniciativa Jovem. Seu sonho era criar a própria empresa de comunicação. Já no segundo ano James conseguiu fazer pequenas campanhas para companhias como a própria Shell. Em 2007, a Petrobras virou cliente e, mais recentemente, Claro e Itaú Unibanco entraram no portfólio. Com esses nomes na carteira, a Biruta não parou mais de crescer. Nos últimos três anos, o faturamento passou de 10 milhões de reais para 18 milhões. Em 2011, James e seus sócios venderam 20% da empresa, por 5 milhões de reais, para o fundo Fox Investimentos.

Entre os economistas, debate-se muito quais serão os efeitos desse novo momento do capitalismo brasileiro. Por ora, os índices de produtividade e inovação ainda não acusam as melhorias esperadas. Parte da explicação é o papel negativo do governo. Nesse sentido, as novas empresas estariam elevando a produtividade de um lado, e o governo estaria puxando para baixo do outro. Para os economistas do Itaú, não restam dúvidas



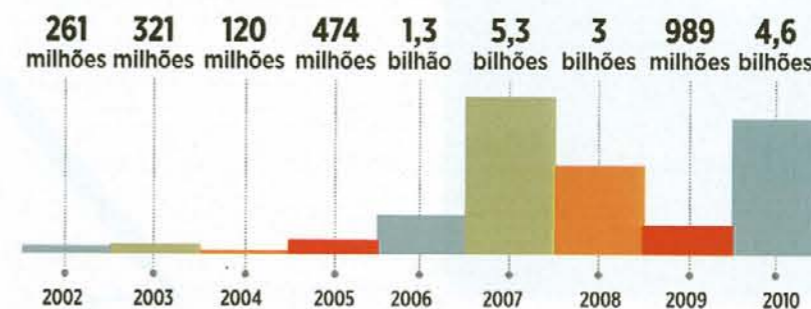
O fator capital

UMA PROPOSTA A CADA 3 MESES

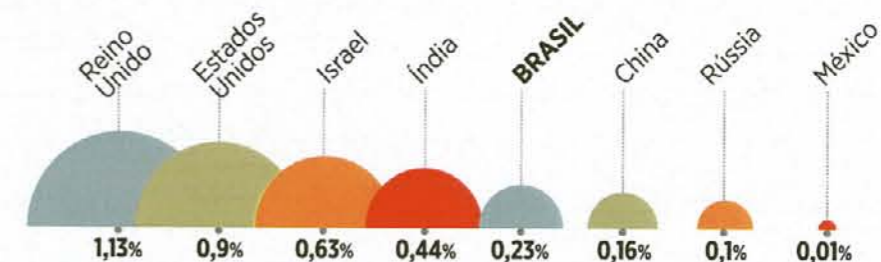
O empresário paulista Alexandre Costa, de 41 anos, chegou a um ponto que muitos empreendedores iniciantes sonham um dia alcançar. Uma vez a cada três meses, Costa recebe uma proposta de fundos de private equity interessados em comprar parte da Cacau Show, fábrica de chocolates com uma franquia de 1 225 lojas espalhadas pelo Brasil. Criada em 1988, a Cacau Show fatura hoje 454 milhões de reais. “Já tenho até um e-mail pronto com uma resposta-padrão para enviar a esse pessoal agradecendo pelo interesse”, diz Costa. Segundo ele, até agora, nenhum investidor conseguiu apresentar uma proposta atraente o suficiente para convencê-lo a abandonar a estratégia de crescer apenas com investimentos próprios. O assédio é um claro sinal do avanço dos fundos de private equity e capital de risco. O total aplicado por eles desde o começo da década cresceu mais de 1 700% e chegou a quase 5 bilhões de dólares em 2010. “O rápido crescimento e o processo de profissionalização das empresas nos últimos anos chamaram a atenção dos maiores fundos do mundo”, diz Chu Kong, sócio do fundo britânico de private equity Actis na América Latina. Esse é bem o caso da Cacau Show: nos últimos cinco anos, o faturamento cresceu, em média, 45% ao ano.

DINHEIRO EM BUSCA DE PROJETOS

Na última década, o Brasil foi um dos emergentes que mais atraíram fundos de venture capital e private equity (Investimentos por ano, em dólares)



Investimento de private equity e venture capital como percentual do PIB (2010)



Fonte: Associação de Private Equity dos Mercados Emergentes (Empea)

de que a nova onda de empreendedorismo está tendo importantes efeitos macroeconômicos. “Esse fenômeno é um dos motivos que nos fazem estimar o potencial de crescimento do Brasil em 4%, e não 3,5%”, diz Goldfajn.

Qual é o fôlego dessa nova onda? Apesar da recente euforia, é preciso colocar o momento em perspectiva. O crescimento mais forte da economia, não há dúvida, cria grandes oportunidades. Mas também é capaz de ocultar antigos problemas. Vale olhar para o sistema tributário. O Simples, regime criado em 1996 e que hoje vale para empresas com até 3,6 milhões de reais de faturamento, representou um enorme avanço ao reduzir o peso dos tributos e a burocracia. Na prática, porém, puniu o crescimento — já que o sistema tributário kafkiano existente no país passa a pesar sobre quem ultrapassa o limite. A boa nova é que o governo, assustado com a desaceleração dos últimos meses, recentemente anunciou planos de alterar a lei trabalhista para permitir relações mais flexíveis de trabalho. Também há ex-

pectativas de desoneração da folha de pagamentos da indústria, entre outras medidas (veja reportagem na pág. 54). Na ausência de reformas mais ambiciosas, todas essas mudanças, se de fato forem adiante, são benéficas. Podem colocar mais lenha num movimento que está ganhando força a cada dia. Num país em que o Estado sempre teve atuação determinante nos rumos da economia, o avanço do empreendedorismo representa uma chance inédita de alcançar um equilíbrio melhor entre governo e sociedade. Para pensadores como o cientista político americano Francis Fukuyama, é esse equilíbrio o responsável pelo sucesso de longo prazo de uma nação. Nesse sentido, uma sociedade forte e dinâmica é requisito essencial. Individualmente, os empreendedores geram empregos e prosperam na vida. Tomados em conjunto, são a chave para um ambiente mais moderno — e um país melhor. ■

Com reportagem de Daniel Barros e Guilherme Fogaça